



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  

---

PRESIDÊNCIA  

---

DA REPÚBLICA

SANTIAGO DO CHILE, CHILE, 19 DE ABRIL DE 1998

Há momentos em que talvez fosse melhor calar. Depois do que ouvimos nas palavras inspiradas e inflamadas do Presidente Frei, confirmadas pelo Presidente Clinton, talvez devêssemos apenas aplaudi-los e pensar, no recôndito de nós próprios, sobre o significado do que foi dito e o significado do que estamos fazendo. Se ousar somar-me à voz daqueles que me antecederam, e de quem vai me suceder, é porque eu gostaria que neste salão ecoasse também a língua do meu país: o português. E, hoje, na verdade, nós dizemos em quatro línguas, as nossas quatro línguas – espanhol, francês, inglês e português –, a mesma coisa.

Estamos unidos no sentimento, e este sentimento talvez pudesse ser comparado àquele dos pais fundadores, que formaram as bases éticas da democracia, desde aqueles que, da Revolução Francesa, usavam palavras que todos nós repetimos desde estudantes e sobre cujo significado profundo talvez não tivéssemos meditado – de igualdade, de solidariedade e de liberdade – às teses que foram proferidas em Filadélfia, que se repetiram nas Constituições de todos os nossos países.

De alguma maneira, o espírito que nos traz aqui é o espírito de criação de uma nova comunidade, é constitucional. E o que temos

reafirmado é que esse novo espírito, que une as nossas nações no hemisfério, se nasceu talvez de um impulso, ou de um sonho, que era econômico, que era de integração – e me apraz dizer isso aqui no Chile, na terra onde trabalhei com tantos chilenos e sob a inspiração de Prebisch, que lutava pela integração latino-americana –, se o impulso foi econômico inicialmente, dizia, pouco a pouco, sem abandonar a preocupação com a economia, que é fundamental, deixamos de falar apenas em taxas aduaneiras, em *aranceles*, *tariffs*, e passamos a falar uma linguagem que toca mais ao coração dos nossos povos: pobreza, justiça, luta contra a impunidade, luta contra a droga, decência na administração pública, coisas concretas, que realizam na prática, com um século de atraso, o que foi o sonho daqueles que fundaram, constitucionalmente, as idéias fundamentais da democracia, que são a expressão mesma, moderna, do mundo ocidental. Foi disso que se tratou.

De Miami a Santiago, se houve uma transformação, se houve uma evolução, foi nessa direção e foi no conhecimento recíproco. Se antes havia alguma desconfiança de que a Zona de Livre Comércio das Américas talvez dificultasse o Mercosul ou, quem sabe, o Nafta fosse o caminho mais adequado – e que nós nos somássemos ao Nafta – ou, quem sabe, o Caricom um pouco à margem, ou o Acordo Centro-Americano de Livre Comércio, cada um olhando para o outro para medir suas vantagens e desvantagens, de repente percebeu-se que não, que o que nós fizemos, no Mercosul e em todos os outros blocos regionais, são passos constitutivos para ver esse grande espírito americano, que é a zona de livre comércio, compreendida como nós a compreendemos hoje, como uma zona de liberdade, de paz e, sobretudo, de igualdade concreta na educação, no atendimento aos mais carentes, na luta contínua contra a pobreza.

Pobreza que, se no século XVIII não entrava sequer no horizonte dos que formulavam as grandes idéias da democracia, hoje não pode ser apenas uma declaração. Se, no passado, nossos países não tinham como combatê-la, porque não tinham sequer o desenvolvimento necessário, hoje, embora não tenhamos completado o ciclo do nosso desenvolvimento, combatê-la é um imperativo ético. Há pobres porque nós não

estamos ainda moralmente comprometidos com a luta contra a pobreza. Já dispomos de recursos suficientes para, se estivermos juntos, lutar-mos efetivamente contra a pobreza. A história não nos perdoará se das nossas palavras não resultar um progresso efetivo das condições sociais de vida do nosso povo.

Por isso são tão bem-vindas palavras como as que aqui foram proferidas pelo Presidente Frei, de que não queremos armamentos, não queremos competições: queremos, sim, solidariedade, novas formas de solidariedade, para que nós possamos usar os instrumentos racionais de que dispomos, e os recursos materiais de que começamos a dispor, para mudar, efetivamente, não o mundo em termos de idéias, mas a vida concreta da população mais pobre, nas áreas rurais, nas favelas, nos bairros mais desamparados, que ainda existem perdidos em toda esta nossa América. E esta nossa América, aqui, é com a palavra dita da maneira mais forte: vai, realmente, da Patagônia às áreas mais geladas lá no norte do Canadá e do Alasca, porque também na Norte América existem áreas de pobreza, áreas de carência e, portanto, também lá essa motivação, essa inspiração ética há de movimentar as populações locais para que, em uma nova visão do que seja a vida em comum nesse hemisfério, nós possamos efetivamente transformá-lo num lugar onde todos sejam bem-vindos, onde todos se sintam em família, em casa, com tranqüilidade.

Mas me apraz dizer, Senhores Presidentes, Senhores e Senhoras, que os progressos foram muitos. Não gostaria de alongar-me – já fui além do que era necessário –, mas gostaria de dizer, como um dos países garantes do Protocolo do Rio de Janeiro, que nada nos satisfará mais no nosso continente do que a finalização desse processo de tranqüilização entre o Peru e o Equador – e os Presidentes do Peru e do Equador são merecedores dos nossos agradecimentos pela maneira corajosa como têm desenvolvido os trabalhos que vão nos levar a que possamos dizer, com toda tranqüilidade: este é um hemisfério onde não há questões de fronteira, este é um hemisfério onde a paz não é uma palavra, a paz é um modo de viver.

Também não gostaria de deixar de dizer uma palavra, uma que seja, sobre as muitas dúvidas e indagações que ouvi pelos corredores. Por

que não todos? Falta talvez ainda um país. E esse país que falta firmou aqui, em Valparaíso, um compromisso com a democracia. Esse país que falta tem um contrato social, preocupa-se profundamente com a educação e com a saúde. Por que não dar os passos da democracia, que são tão bem-vindos por todos, para que amanhã nós todos possamos dizer: "Nuestra América es una sola, democrática y hecha de hermanos."

Obrigado.